

Regionalização alternativa

19-Jun-2009

1 - No seguimento de outras intervenções publicadas no site do Bloco de Esquerda para a densificação do Programa eleitoral, dou-vos a minha opinião sobre o que deveria ser a opinião do BE sobre a Regionalização.

Acho que o Bloco tem o dever de ter um programa sério, maduro, coerente, reflectido e alternativo para a Regionalização.

O país precisa de Regionalização como de "pão para a boca".

Contributo
de Pedro Figueiredo

2 - Interessa estarmos atentos aos modelos de Regionalização já em vigor noutros países, para nos situarmos.

Em França as "comunnes" (Municípios) unem-se em "communes" ("regiões" / comunidades de interesses).

Os Municípios ao sul de Paris, na Ile de France - zona de Versailles, formam por exemplo a comunidade des "Yvelines" (St. Quentin-en-Yvelines e outras 3 "communes").

Qual é o objectivo das "Comunidades de Interesses"?

Municípios unidos para a obtenção de outra escala de planeamento inter-municipal e supra-municipal . Trata-se de planeamento de escala regional.

Promovem decisões sociais e urbanas comuns:

- Rentabilizam os usos e índices.

- Equilibram o território, o ambiente e os transportes, sempre com uma visão comum, adequada aos vários municípios.

- Planeiam em comum os equipamentos - Os pequenos, os médios e os grandes equipamentos, evitando a sobreposição de funções.

- Planeiam densidades habitacionais em conjunto, evitando a dispersão desajustada de construção pelo território.

- Planeiam escolas e hospitais tendo em vista "rãjrios" por habitante e densidade. adequam assim os equipamentos ao territã³rio.

Dizer que sã£o necessã¼rias 3 escolas ou 300 para um territã³rio nã£o ã© resultado do cumprimento de promessas eleitorais de cada municã³pio. A decisã£o, sendo comum e ajustada ao territã³rio e interesses comuns, determina densidades diferentes. E consensuais, claro.

3 - O estabelecimento em Portugal de "Comunidades de Interesses" seria a melhor maneira de conseguir "interesses comuns" da coisa pãºblica e nã£o o interessismo de cada capelinha a que nos vimos desabitando.

As "Comunidades" combatem:

a) A sobreposiã£ã£o de redes administrativas actualmente existente.

Esta sobreposiã£ã£o, quando desconexa , obriga a que o mesmo cidadã£o residente em S. Salvador do Campo, Santo Tirso vote em Santo Tirso, esteja inscrito no centro de saãºde de Vizela, vã¼ ao teatro na Casa das Artes em Famalicã£o, tire o BI em Vila das Aves e trabalhe em Guimarães. Para executar todas estas tarefas o cidadã£o gasta gasolina e polui como se nã£o houvesse amanhã£. Perde horas da sua vida em deslocaã£ã¼mes no territã³rio.

Nada contra as redes e o uso em rede do Territã³rio. Tudo a favor das redes.

O vale do Ave funciona em rede como hã¼bito, modo de defesa e modo de estar. Mas nã£o ã© uma rede organizada como tal. Surge avulso no territã³rio e multiplica os desperdã¼cios.

O separatismo das Trofas deste mundo ã© disso sinal. Multiplicaã£ã¼ de equipamentos sem sentido para vaidade de caciques locais.

A uniã£o dos Municã³pios como Comunidades para o planeamento social e urbano faz cada vez mais sentido. E nã£o sã³ para o Vale do Ave.

As polã¼ticas sociais e urbanas quando feitas ã escala Inter-municipal e supra-municipal servem melhor as populaã£ã¼mes - sã£o eficazes.

b) O esvaziamento administrativo e discricionã¼rio.

Exemplo de nã£o entendimento do

"território - como - ele - não", não suport, por hipotese, que:

...Sendo necessário por exemplo, eliminar um centro de saúde / maternidade numa região em franca regressão populacional como Trás-os-Montes, a opção não recai em Mirandela e não em Bragança.

Trata-se de uma opção natural à luz do "distritismo" que desgoverna Portugal, não uma opção de eficácia territorial.

Ninguém quis perceber que a luz da racionalidade territorial, até faz mais sentido Mirandela que Bragança para a manutenção dos melhores equipamentos. Mirandela é mais acessível e mais central. Bragança, a um canto, apenas é, administrativamente, a capital de Distrito.

Pobre falta de visão Territorial de âmbito nacional - escala 1 / 100 000. Falta a visão da escala Regional. Falta a Regionalização Inteligente.

4 - O modelo de Regionalização por "Comunidades" é um modelo que tem que ser flexível, aberto e "em aberto".

Não pode haver aqui mapas fechados. Quanto menos flexível for o mapa, mais frágil se torna e mais facilmente ele se quebra. Antes torcer que quebrar.

O mapa que proponho será um mapa - em - processo - de - forma - em - curso, um "PFEC". As comunidades juntam-se por interesses consensuais, podendo aumentar ou diminuir essas comunidades com mais ou menos municípios conforme faça sentido.

Ninguém pode acreditar ingenuamente que na era da aceleração temporal a que chamamos por defeito globalização, os mapas do futuro estejam já escritos e fechados. Eles movem-se, no entanto.

"Comunidades" que julgo talvez fazerem sentido actualmente para um mapa inicial, ponto de partida em aberto:

Comunidade litoral norte. Desde Aveiro até Viana, incluindo a área metropolitana do Porto como sub-região

Comunidade Lisboa e Setúbal

Comunidade Vale do Ave

Comunidade Vale do Sousa

Comunidade Vale do Tua.

Comunidade
do Alto Douro.

Comunidade da Costa Vicentina.

Outras que façam
sentido ou "mais sentido".

5 - Pressupostos que preparam e
suportam uma Regionalização Inteligente e Consistente:

a) O estabelecimento da democracia
territorial através dos círculos eleitorais que finalmente
aproximam e identificam os deputados com os seus eleitores.

Só quando cada cidadão, município e
comunidade souber quais são os seus deputados haverá
Regionalização.

Já acontece em democracias
parlamentares mais avançadas e pode muito bem acontecer em Portugal.

Precisamos de Democracia contra a
abstenção como "de pé para a boca" (2).

b) A construção do Portugal
ferroviário que ficou por fazer e que tem sido criminosamente
abatido por sucessivas "administrações" da C.P.

% necessário densificar o território
com as várias escalas de velocidade, para que este se estruture. A
Ferrovia vai ter que desequilibrar o modo de transporte a seu favor e
em detrimento da rodovia.

Mudar de Rumo e de forma radical.

A alta velocidade do TGV, combinada
com as médias velocidades da ferrovia inter-regional e combinadas
ambas com as baixas velocidades das redes de metro das cidades são o
suporte físico de um Portugal de Comunidades.

Os nós serão interfaces entre
velocidades. Se isto for possível podem abolir as fronteiras à
vontade que a Europa que interessa será apenas uma rede de cidades e
regiões coesa e não "administrativista".

Braga e Setúbal acho que são cidades
com potencial para ter metro. O metro do Porto precisa de mais
linhas, radiais e nós. O país todo precisa de linhas que substituam
as autoestradas. Lisboa e Porto precisam de TGV para se ligarem a
Espanha. Só depois a ligação TGV entre Porto e Lisboa, de modo a
obrigar a diminuir o do tráfego aeroportuário no que este

representa de poluição.

Sã a direita tem o "direito" de não querer o TGV por ser um investimento público. Afinal, a direita nunca quer investimentos públicos. nem este nem outros.

A esquerda e esta esquerda sã pode querer a alta, a média e a baixa velocidade para Portugal.

Precisamos de ter uma visão mais alargada e de futuro para o território.

Uma Europa ferroviária com cidades coesas e comunidades fortes pode finalmente dizer: faz mesmo sentido não haver fronteiras.

6 - A Regionalização por comunidades estabelece um quadro intermédio de planeamento no território.

Precisamos de ter um novo tipo de planos. Os actuais, mesquinhos e obsoletos PDM terão que ser entã substituídos por PDMs de nova geração e que sã o instrumento de planeamento que suporta a Regionalização por Comunidades: Os PDM inter-municipais.

Nã serã assim, permitidas mais vergonhas deste género:

Gênero 1: Municípios do vale do Tua que, em vez de se unirem contra ou a favor de uma linha ferroviária fundamental ou de uma barragem supérflua, desunem-se e cada um tenta ter uma opinião diferente do seu vizinho.

Gênero 2: Para equipamentos fundamentais como novas pontes entre Porto e Gaia ou para equipamentos de luxo / lixo como um novo Corte Inglês não foi possível atã qualquer entendimento entre os dois Municípios.

Tudo isto existe. Tudo isto é triste. Tudo isto não é fado. Há soluções.

Venha daí - a Regionalização. Com coragem e Inteligência

Pedro Figueiredo

{easycomments}